

A EDIÇÃO COMO ESTILO: INVESTIGAÇÃO DA ROTINA PRODUTIVA DA SEÇÃO *ESQUINA* DA REVISTA *PIAUI*

Guilherme de Paula Pires¹s

Maura Oliveira Martins²

Resumo: Partindo da hipótese de que há uma homogeneização no estilo das reportagens da seção *esquina*, da revista *piauí*³, o presente artigo demonstra, de maneira resumida, como foi realizada a monografia que visava discutir o processo de produção dos textos dessa seção, de modo a verificar como se dá o processo de edição dos textos. Para tanto, a pesquisa se deteve em três frentes: valores-notícia subdivididos em valores-notícia de seleção e construção; investigação da rotina produtiva da seção por meio da metodologia etnográfica; e por fim, a pesquisa discute a rotina de edição das reportagens e como se dá o relacionamento repórter/editor da seção *esquina*.

Palavras-chave: *esquina*, valores-notícia, etnografia, rotina produtiva, edição.

O presente trabalho procura investigar como se dá o processo de produção da notícia, tendo como objeto a seção *esquina*, da revista *piauí*. Como hipótese inicial, está a constatação de que as reportagens veiculadas nessa seção, cujas características são textos curtos, de temática semelhante, com a utilização de estratégias típicas do jornalismo literário, tendem a ser homogeneizadas em seu estilo a partir do trabalho de edição.

Para averiguar tal hipótese, optou-se por duas metodologias: a observação

¹ Jornalista formado pelas Faculdades Integradas do Brasil (2012). Email: guilhermedepaulapires@gmail.com

² Jornalista, doutoranda do Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM- USP) e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora-pesquisadora e coordenadora do curso de Jornalismo das Faculdades Integradas do Brasil (UniBrasil). Email: mauramartins@gmail.com.

³ Para o nome da seção e o da revista serão usados as grafias *esquina* e *piauí*, seguindo a opção da publicação de escrevê-los em letras minúsculas.

etnográfica, baseada em Bronosky (2010) e Lago (2008). E a identificação dos valores-notícia, fundamentada em Traquina (2005).

No intuito de atender ao pressuposto etnográfico, realizou-se um dia de observação na redação, de forma a analisar, no exercício da profissão o jornalista e editor da seção *esquina*, Bernardo Esteves. Na oportunidade também foi entrevistado Roberto Kaz, antigo editor da seção, em seu local de trabalho, no jornal *O Globo*.

Antes de se investigar como se dá a produção da notícia, foram analisados os valores-notícia de seleção e construção, por um período de seis meses, totalizando assim 42 textos, com o objetivo de mensurar o escopo de assuntos abordados pela seção. Nessa fase do projeto, o principal autor empregado para análise é Traquina (2005), pois se trata de um autor contemporâneo, haja vista que os critérios de noticiabilidade por vezes se alteram com o decorrer dos anos.

No trabalho também é realizado uma discussão inicial acerca do processo de edição a que os textos são submetidos com o intuito de ficarem com o “espírito da seção”, como diz Esteves. São mostrados exemplos de reportagens ainda sem edição e confrontados com a versão final, já publicada na *piauí*.

Como embasamento teórico para o projeto foi abordada a importância do jornalismo literário e o *New Journalism*, e as sutilezas que o humor praticado na *esquina*, conhecido pelo termo *Wit*, proporciona ao leitor.

1. Descrição da pesquisa

Em um primeiro momento foram mostradas as características da revista *piauí*, no capítulo intitulado “**Revista *piauí*: preto no branco**”. Nessa parte inicial do trabalho, foi abordado o conceito histórico da revista, fundadores, colaboradores, periodicidade, escopo de assuntos abordados, características visuais e movimentos jornalísticos que a revista transmite ao longo dos seus sete anos de existência.

A seguir foi apresentado o tema *New Journalism*, que segundo Lima (2004), pensa na forma e na qualidade literária do texto, sem deixar o conteúdo, um dos preceitos do jornalismo tradicional. Também foi lembrado de Marcelo Bulhões (2007), que ao falar do assunto nota que essa característica de fazer jornalismo aproximou dois gêneros até então distantes: romance e jornalismo passaram a estreitar as relações influenciando tanto um quanto o outro.

Também se citou Tom Wolfe (2005), e seus quatro principais recursos nos trabalhos dos novos jornalistas: Construção cena a cena; uso de diálogos; ponto de vista da terceira pessoa; e o registro dos maneirismos dos personagens, de modo a investigar se tais elementos definidores do que se convencionou chamar de jornalismo literário podem ser observadas como estratégias constantes na seção *esquina*.

Ainda como parte da fundamentação teórica da pesquisa, foi lembrado sobre o discurso jornalístico e o compromisso que o jornalismo tem com a verdade. De importância vital para o jornalismo, a sociedade precisa acreditar na veracidade do discurso jornalístico. “É por meio do jornalismo que o leitor espera ler o mundo”. (Benetti e Jacks, 2012, p. 6).

Esse foi um aspecto ressaltado na fundamentação teórica porque a seção *esquina* tem um texto voltado para o humor e acontecimentos singulares ao redor do mundo. Logo, poder-ia-se supor que o jornalista tenha inventado o assunto retratado, o que como foi observado, não é permitido no jornalismo, e nem na revista, haja vista os inúmeros filtros que a reportagem é submetida para conferência da veracidade dos fatos.

Também foi mencionado o narrador jornalista, “isto é, a qualidade de descrever algo enunciando uma sucessão de estados de transformação” (Motta, 2009, p. 2). E ainda Benjamin, que ao falar do narrador se refere a pessoa que “traz o saber que vem de longe” (apud Cavalcanti, 2006). Ainda está presente o gênero reportagem, entendido como ampliação da notícia, a tentativa de ir além do *lead*.

Outra característica importante citada na fundamentação teórica diz respeito ao humor praticado na seção. Na carta “o que é uma *esquina*”², o *publisher* de *piauí*, João Moreira Salles, evidencia uma das características de uma reportagem de *esquina*. “Quando possível, quero humor, mas humor quieto, aquele que corre por baixo do texto, meio disfarçado. Humor de inglês. Quanto mais ridículo o assunto, mais sério o tratamento”.

Para entender o que é o humor, e mais propriamente o humor inglês, buscou-se autores como Magela (2011) que diz que o humor inglês é também conhecido pela expressão *wit*, que é um gracejo a partir de uma situação ou pessoa. Algo corriqueiro nas reportagens da *esquina*.

Em outro capítulo, intitulado “**Estratégias de edição**”, foi levantada a importância do papel da edição e do editor nos periódicos, definido pelo manual de redação do jornal *Folha de São Paulo* como um processo formado pela “exposição

hierárquica e contextualizada das notícias e distribuição espacial correta e interessante de reportagens, análise, artigos, críticas, fotos, desenhos e infográficos”. (MFSP, 2002, p. 33).

Segundo Marocco e Berger (2006), o trabalho de editor é uma tarefa complexa “que conjuga o gesto individual, as estratégias empresariais e as práticas jornalísticas a condições históricas de possibilidade” (p. 17).

No capítulo seguinte foi observada a relação entre editor e jornalista, que por vezes causa atrito nas redações. Para tanto, foi citado Mario Sergio Conti (1999) e a sua experiência na revista *Veja*, depoimentos de *trainees* da *Folha de São Paulo*, entre outros autores.

2. Metodologia empregada

Como o primeiro objetivo do trabalho foi verificar com que frequência certos assuntos são publicados em detrimento de outros, a pesquisa se deteve em analisar os valores-notícia na seção *esquina*.

Para isso, a pesquisa foi fundamentada em Nelson Traquina (2005). A escolha do autor se baseou em sua abordagem metodológica para a investigação dos valores-notícia. Segundo Traquina, existem dois tipos de valores-notícia. De seleção, ou seja, quais assuntos serão selecionados em detrimento de outro; e o valor-notícia de construção, esse relacionado ao aspecto de que forma se dará a transcrição para o papel, a reportagem, respeitando as regras editoriais do veículo.

No segundo momento da pesquisa, e a fase mais importante, visto que carrega o ineditismo do trabalho, foi empregada a metodologia etnográfica para entender a rotina produtiva da construção de uma reportagem da *esquina*. Para isso, a pesquisa abordou autores como Geertz (apud Benneti e Lago, 2008), que diz que etnografia é uma descrição densa de uma determinada cultura, feito a partir de um trabalho de campo, cuja observação participante tem como principal característica.

Utilizou-se ainda a abordagem de Bronosky (2012), para quem “a etnografia trata-se de um processo/método de captura, descrição e análise de dados provenientes de observações qualitativas realizadas em agrupamentos específicos” (p. 125).

Portanto, a etnografia é uma linha de pesquisa ou método de captura de análise de dados derivadas de observações participantes e qualitativas em determinados grupos.

Segundo Bronosky (2010), “no âmbito do jornalismo, essa perspectiva tem contribuído significativamente nos debates sobre os processos de produção noticiosa, no sentido de compreender o que é notícia e como elas são elaboradas” (p. 125).

Para atender ao pressuposto da metodologia etnográfica, foi visitada a redação da revista *piauí* por um dia, para observar as atividades do editor da seção *esquina*, Bernardo Esteves. Também foi conversado com Roberto Kaz, antigo editor da seção, na sede do jornal *O Globo*.

Como a revista trabalha com colaboradores, que não necessariamente residem no Rio de Janeiro, trocou-se emails com seis repórteres que já escreveram algo para a seção, a fim de entender como é a produção de uma reportagem e o relacionamento com o editor, uma vez que os textos da seção *esquina*, como pôde ser observado, são muito editorializados.

Na última parte da pesquisa foram confrontados textos originais dos repórteres, ou seja, antes de passarem pelo crivo da edição, e os textos finais conforme foram impressos na revista.

Nessa fase da monografia apresentou-se exemplos de alterações no texto original do repórter com o publicado pela revista. Constatou-se, por exemplo, o uso de estrangeirismo nos textos impressos “*physique du role*” (*piauí*, 66, 2012), algo não observado na reportagem original. O termo citado foi uma alteração da frase “não era exatamente uma moça delicada, loira e magra⁴”.

Como observação, essa parte do projeto será aprofundada em uma pesquisa futura, em um mestrado, na qual será usada a análise de discurso da Escola Francesa (AD), com o objetivo de aprofundar as discussões acerca dos limites da edição em um texto autoral.

3. Apresentação dos resultados

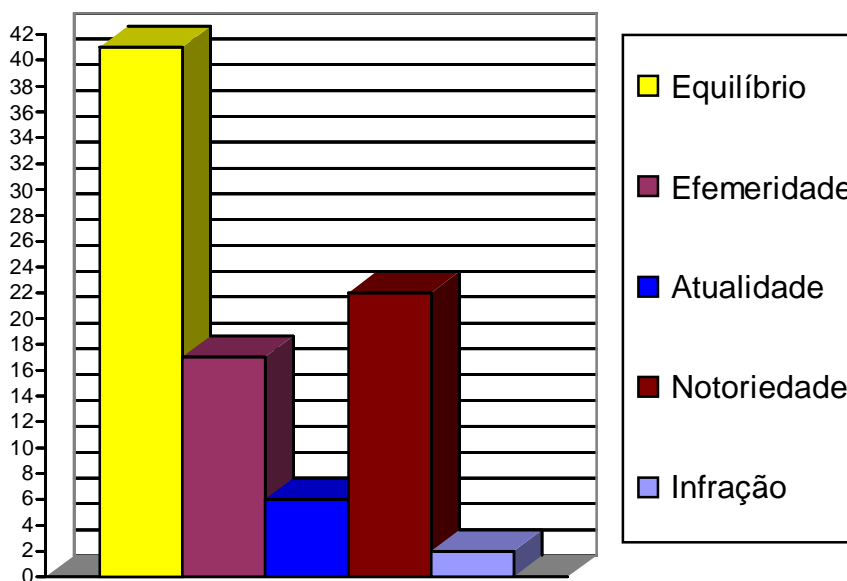
3.1. Em relação aos valores-notícia

Os resultados sobre os valores-notícia na seção *esquina* se deram após a leitura de 42 textos do primeiro semestre de 2011. O que a pesquisa pode observar é que a

⁴ Texto original da repórter Vanessa Barbara.

escolha dos temas é bem específico: a busca pela novidade, e o assunto ou personagem pitoresco. Para melhor ilustrar os resultados das análises dos valores-notícia de seleção e construção na seção *esquina*, foram feitos três gráficos, como pode ser observado abaixo.

Figura 01 – Valores-notícia de seleção na seção *esquina*



Segundo Traquina (2005), equilíbrio se refere a dimensão do acontecimento noticiado. O valor-notícia de seleção tempo também foi observado. Subdivido em efemeridade, caráter passageiro da notícia e seu posterior esquecimento, e atualidade, quando um acontecimento foi abordado recentemente e busca-se um gancho para voltar a falar sobre ele, foi observada em 23 reportagens da seção. Das 17 reportagens com características de efemeridade, quatro noticiavam palestras, 12 eventos e uma mostrava presença de uma especialista em Monteiro Lobato em um programa de televisão⁵. As seis reportagens que apresentaram características do valor-notícia de seleção tempo, subdividido no grupo atualidade, apesar de falarem algo que já estava na mídia, buscou-se outro ângulo de abordagem do fato.

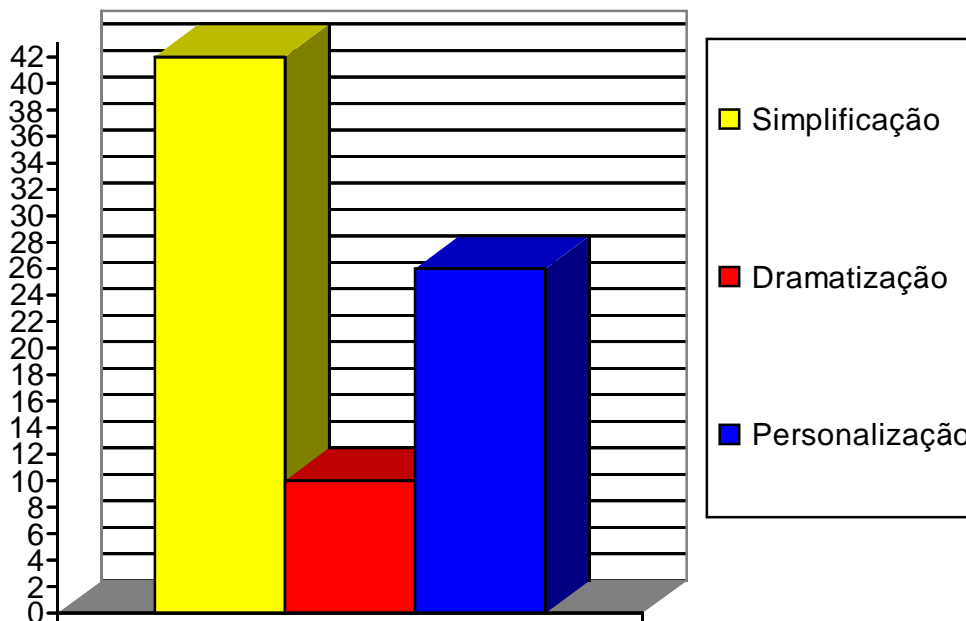
Assim como o valor notícia notoriedade, ou seja, a presença de indivíduos que

⁵ “Missão pedagógica. A produção da entrevista de Marisa Lajolo sobre Monteiro Lobato”. Edição, 54, março de 2011

viabilizam o discurso do jornalista. Eles são especialistas, ou o tema da palestra ou evento. 22 reportagens apresentaram esse fenômeno.

Por fim, o valor-notícia de seleção infração, “violação, ou transgressão das regras” (Traquina 2005, p. 85) aparece somente duas vezes no período analisado.

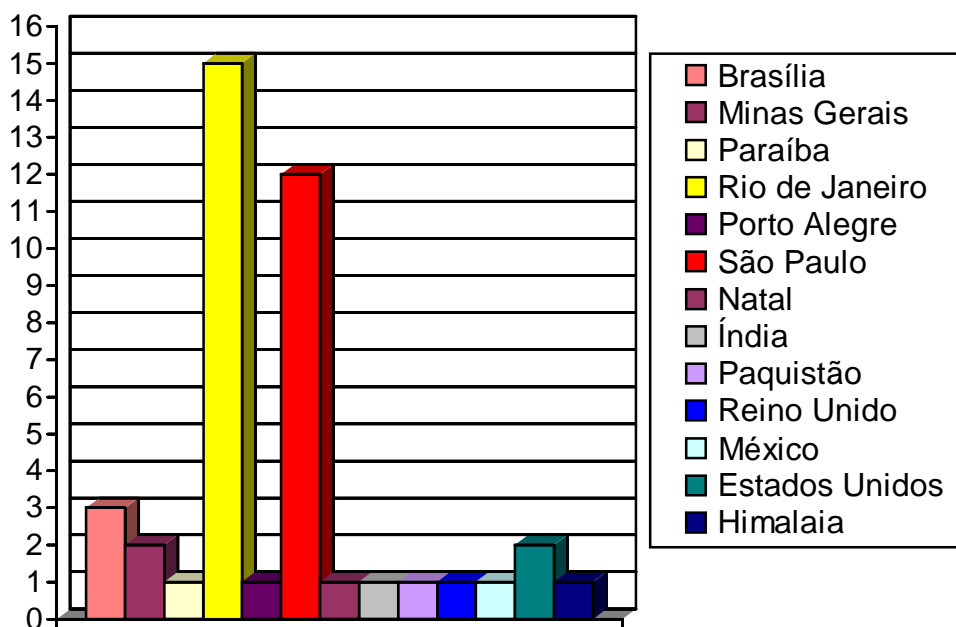
Figura 02 - Valores-notícia de construção na seção *esquina*



No gráfico acima, podemos observar que todos os 42 textos analisados apresentam o que para Traquina (2005) é chamado de Simplificação. Isso é: quando jornalista busca a fácil compreensão da notícia a fim de reduzir a natureza polissêmica do fato. Por se tratar de assuntos pitorescos, talvez com o caráter de novidade para muitos, notou-se que é buscado por meio da construção da reportagem, partes do texto, o que a pesquisa chamou de “parágrafos enciclopédicos”, com o objetivo de explicar o contexto histórico do assunto retratado.

Também notou-se a presença, em menor escala, do recurso da dramatização(10 dos 42 textos analisados), e da personalização, ou seja, falar de algo maior usando um personagem central para contá-lo.

Figuras 03 – Locais que se passaram as reportagens



O gráfico acima, apenas como curiosidade, mostra que apesar de contar com colaboradores, não necessariamente frequentadores da redação, é notória a participação de São Paulo e Rio de Janeiro, os maiores polos econômicos do país, como autores das reportagens.

3.2. Etnografia para entender a rotina produtiva da seção *esquina*

Os resultados sobre as observações *in loco*, mostraram que a redação da revista *piauí* é pequena e bastante silenciosa, diferente do que se poderia imaginar, pois se trata de uma das mais importantes publicações impressas em atuação no país. O local conta com seis repórteres fixos, mais Raquel Freire Zangrandi, secretária de redação, além dos editores Cláudia Antunes, Fernando Barros e Silva, e o Publisher João Moreira Salles. Os demais profissionais trabalham em casa ou sempre estão em viagem cobrindo alguma pauta, inclusive os editores.

Durante a visita foi observado a disposição física da redação e como se dá o trabalho do editor da seção *esquina*, Bernardo Esteves. Para melhor exemplificar os resultados obtidos, foram feitas duas figuras, conforme abaixo:

Figura 04 – Cena produtiva: Redação da revista

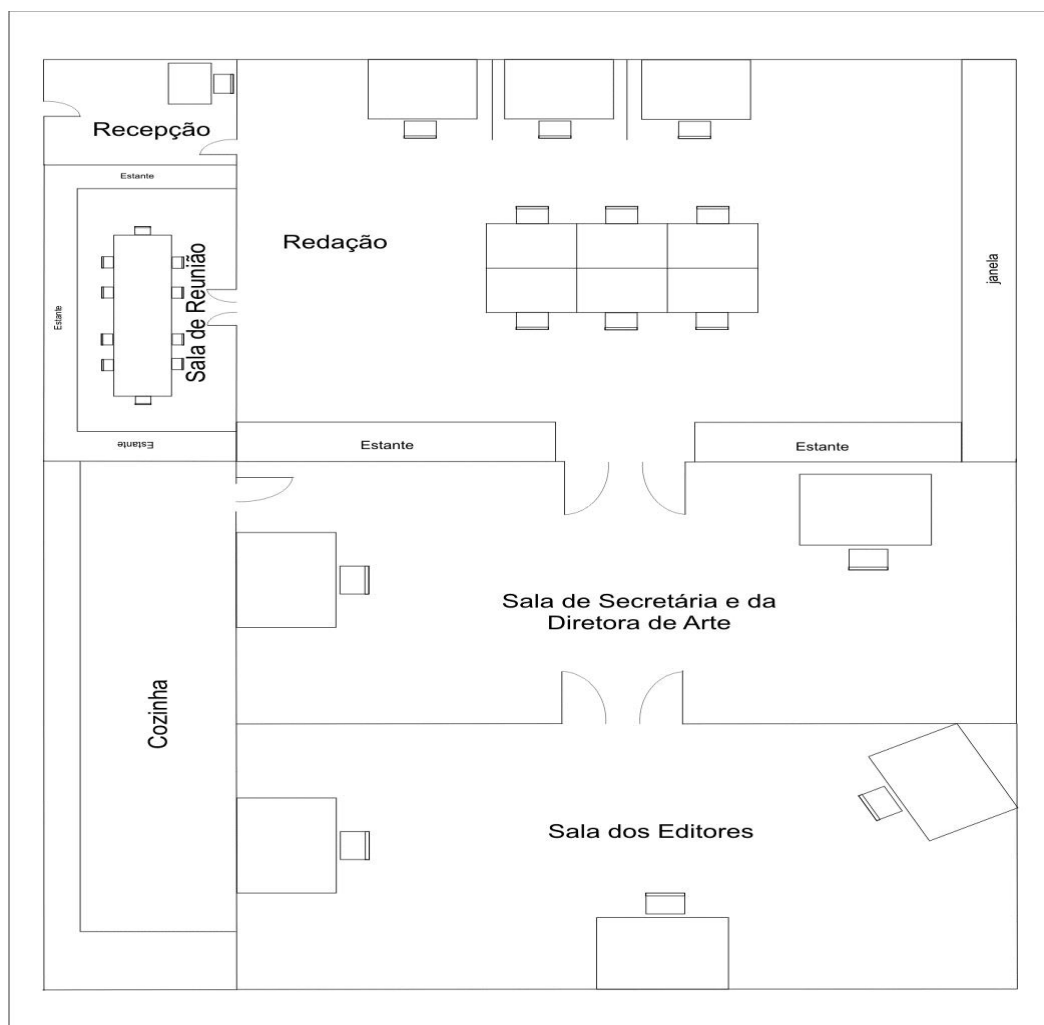
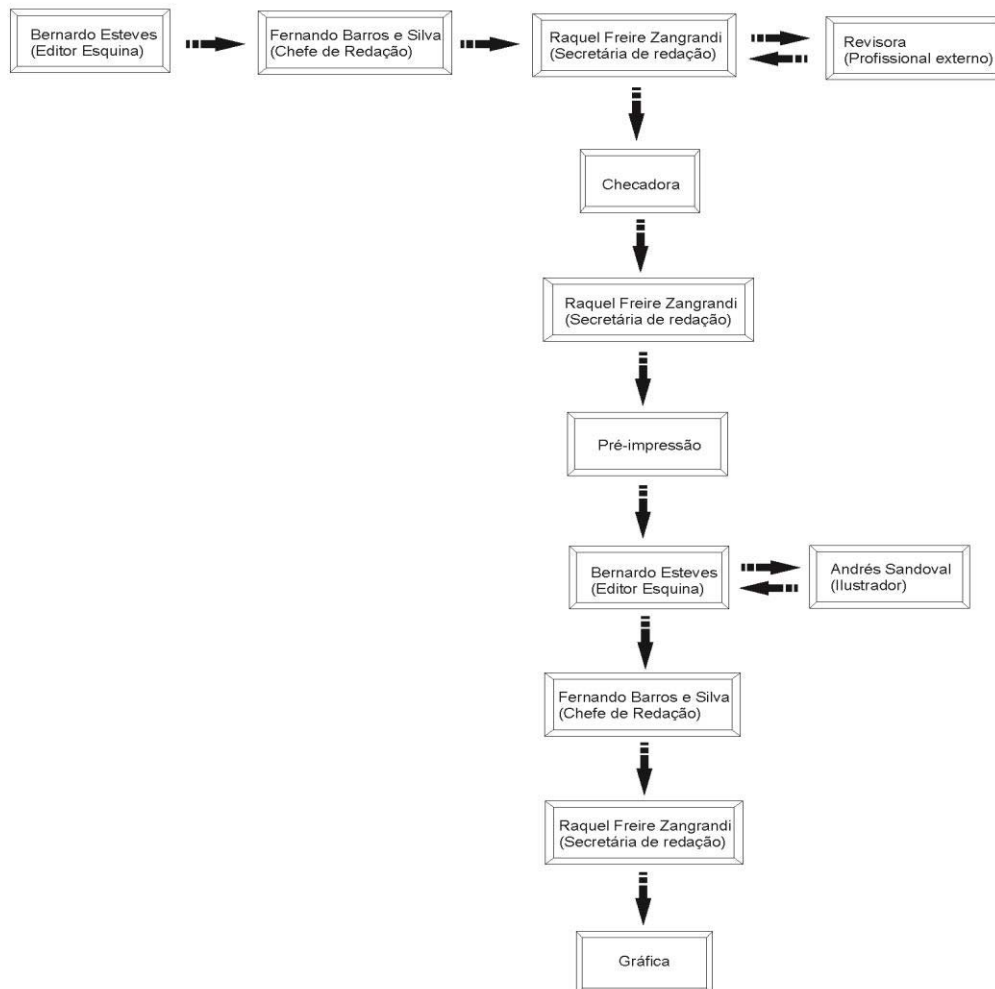


Figura 05 – Diagrama de circulação das *esquina* dentro da redação



Na visita, foi observado o longo caminho que uma reportagem de *esquina* é submetida a fim de ficar com o “espírito da seção”, como diz Esteves. Também foi notado que, diferentemente do que acontece na redação dos grandes jornais, o ambiente da redação da revista é amistoso, pois cada profissional cobre um assunto específico.

3.3 Discussões iniciais sobre a edição na seção *esquina*: Um canteiro de obras. Não sobra pedra sobre pedra.

Nessa fase do projeto, foram levantados textos originais de repórteres que já escreveram para a seção, e comparados com os publicados na revista. Com os textos em

mãos, foram confrontados opiniões de repórteres e editores sobre o trabalho do editor nos seus respectivos textos.

Assim se pôde notar a forte alteração, por vezes de sentido do texto, com o objetivo de deixar as sete reportagens muito parecidas na sua forma. Também notou-se a alteração de títulos, parágrafos suprimidos, ordem dos fatos alterados, presença de personagens que até então eram desconhecidos, e a exclusão de autores da reportagem.

Diferentemente do que o pesquisador achara no início do trabalho, por se tratar de reportagens do estilo literário, que para Maura Martins (2006), adquirem um caráter reflexível sobre os fatos, pois quem os produz trabalha com a experiência qualitativa e estética da notícia, atributos inculcadas da personalidade profissional de cada jornalista. Logo se opõe à produção tipicamente jornalística, o *hardnews*, vista como mecanicista, repetitiva e parte de um pequeno processo mais complexo. Por isso, aos repórteres parece mais aceitável as interferências nas produções diárias do que às voltadas ao trabalho artístico, ligado à consolidação de um estilo pessoal, as alterações foram bem aceitas e quase não houve questionamentos sobre a versão publicada.

Portanto, o que se observa é que os repórteres não costumam questionar a edição pelo privilégio de publicar numa revista de capital simbólico que é a *piuí*. Logo, o “poder simbólico”, que é aquele “poder invisível o qual só é aceito se exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o exercem” (Bourdieu, 1989, p. 8), foi percebido durante a pesquisa.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

BRONOSKI, Marcelo Engel. **Manuais de redação e jornalistas: estratégias de apropriação**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. **No “mundo dos jornalistas”:** interdiscursividade, identidade, ethos e gêneros. Tese (Programa de Pós-Graduação em Linguística). Unicamp, 2006.

Conti, Mario Sergio. **Notícias do planalto. A imprensa e Fernando Collor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BEATRIZ, Marocco; BERGER, Christa. **A dupla falta do editor, nos livros e cursos de jornalismo**. (In) FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana (org). **Edição em jornalismo. Ensino, teoria e prática**. Rio Grande do Sul: Edunisc, 2006.

LAGO, Cláudia. **Antropologia e jornalismo: uma questão de método**. (In) BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia (org). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.

MACHADO, Marcia Benetti; JACKS, Nilda. **O discurso jornalístico**. (In) A representação da Argentina e dos argentinos na imprensa sulina. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2012.

MANUAL DE REDAÇÃO DA FOLHA DE S.PAULO. Folha de São Paulo. 2004.

MARTINS, Maura. **Rotinas jornalísticas em um trabalho autoral. Cadernos de Comunicação da UniBrasil . Nº4**. Disponível em: <http://apps.unibrasil.com.br/revista/index.php/comunicacao/article/view/65/> . Curitiba: UniBrasil, 2006. Acesso em 15/09/2012

MOTTA, Luiz Gonzaga. **A análise pragmática da narrativa jornalística**. Disponível em: <http://www.port.com.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>. Acesso em 20/09/2012.

SILVA, Bianca Magela Melo. **Jornalismo e humor: narrativas atrevidas na esquina**.

Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo volume 1**: Porque as notícias são como são. Santa Catarina: Insular, 2005.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PIAUÍ. Rio de Janeiro: Edição 54. Março de 2011.

PIAUÍ. Rio de Janeiro: Edição 66. Março de 2012.